

# BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XIX — No. 4

Abril de 1978

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Dr. Werner Klein - Cirurgião Dentista - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau  
Georg Traeger - Blumenau  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
Malharia Maju S/A. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau  
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Buschle & Lepper S. A. - Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa  
Imobiliária "DL" Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XIX

ABRIL DE 1978

Nº. 4

## — S U M Á R I O —

	Página
EPISÓDIOS HISTÓRICOS DE BLUMENAU . . . . .	94
ESTANTE CATARINENSE . . . . .	107
AS LUTAS OPERÁRIAS NO BRASIL: LUTA DE CLASSES OU CONFLITOS? . . . . .	108
O "KOLONIE-ZEITUNG" . . . . .	111
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA: . . . . .	113
PRIMEIRO ROUBO OCORRIDO EM BLUMENAU . . . . .	116
APOLOGIA DO CROCHÊ . . . . .	120
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM . . . . .	123
MUSEU BOTÂNICO KUHLMANN . . . . .	123
O MUNICÍPIO DE BLUMENAU DO PASSADO . . . . .	124

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: Honorato Tomelin — Redação: José Gonçalves

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 50,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

# Episódios Históricos de Blumenau

— José E. Finardi —

## I — PRIMÓRDIOS DO ATUAL COLÉGIO SANTO ANTONIO

O Pe. José Maria Jacobs, designado, em meados de 1876, primeiro Vigário de Blumenau, a par de se dedicar intensamente na cura espiritual da imensa paróquia que lhe fora confiada, não se descurou da instrução dos filhos dos colonos primeiros povoadores de Blumenau.

Assim, seis meses após haver assumido a paróquia, tratou de fundar um estabelecimento de ensino com internato, o qual passou a funcionar em 16 de janeiro de 1877, sob a invocação de São Paulo.

O prédio inicial constava de acanhada construção, que mal dava para abrigar os primeiros trinta alunos matriculados nesse ano.

Para a sua concretização, Pe. Jacobs empregara não só os recursos que trouxera da Alemanha, como também os vencimentos a que fazia jús como pároco contratado pelo Governo Imperial, além dos direitos á estola.

Dois anos depois, ou seja em 30 de março de 1879, as dificuldades surgidas com a manutenção do educandário fundado, obrigaram Pe. Jacobs a recorrer a seu Augusto amigo D. Pedro II, a quem, em representação direta, pediu e obteve a subvenção anual de Rs. 1:000\$000, paga pelo Governo Provincial.

Esta subvenção, no entanto, foi suspensa em setembro de 1886, obrigando Pe. Jacobs a recorrer ao Presidente da Província Dr. Francisco José da Rocha — o que fez em petição datada de 8 de fevereiro de 1887.

O ato suspensório resultara de sucessivas denúncias feitas pelos

---

CAPA — Hand-Ball em Blumenau. Data de 1936, a constituição da equipe de Hand-Ball de campo que passou a atuar com destaque, integrada por jovens da sociedade blumenauense. A equipe pertencia ao Departamento esportivo da Sociedade Desportiva Blumenauense, mais tarde transformada em Gremio Esportivo Olimpico. Essa equipe, que marcou época durante muitos anos, achava-se assim constituída, de acordo com os integrantes que posam na foto que ora estampamos, em cuja moldura encontramos uma plaqueta comemorativa, com os seguintes dizeres:

"Demstif ter der Plakette für Hand-Ball — V. D. Handballabt T. V. Blumenau — 1936". Eis os integrantes da equipe, a começar da esquerda para a direita: Em pé: Frederico Frischknecht, Herbert Wehmuth, Luitpald Fischer, Alois Ruf e Ingo Koch. No meio, ajoelhados: Helmuth Wandrey, Ricardo Fischer, Johannes Funke. Sentados: Helmuth Fischer, Ulrich Koenig e Johannes Schoeps.

adversários do Padre, que os tinha numerosos, dadas as suas atitudes intransigentes e ríspidas — fato que teve repercussão na Assembléa Provincial, onde, na sessão de 3 de setembro de 1886, o educandário e seu abnegado Diretor, foram vigorosamente defendidos pelo Deputado Provincial Cristovão Nunes Pires, conforme se infere da ata publicada no N.º 220, do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro.

Os documentos inéditos que a seguir transcrevemos, constantes de nosso arquivo, pormenorizam sobejamente o episódio, envolvendo o afoito fundador do atual Colégio Santo Antônio, sem dúvida o mais portentoso monumento erguido em Blumenau:

### MEMORANDUM

"SENHOR: O abaixo assignado Pe. José Maria Jacobs, vigário encarregado da freguezia de São Paulo da Colonia Blumenau, Provincia de Santa Catharina, vem humildemente representar a Vossa Magestade Imperial o seguinte:

O Supplicante fundou n'esta Colonia ha mais de dous anos e ainda actualmente mantem um Pensionato-Central para a instrucção e educação dos filhos dos Colonos de ambos os sexos, em que os alumnos recebem não somente instrucção, sobretudo tambem na lingua nacional e na religião, mas tambem ainda são sustentados pela modica diaria de cento e vinte reis paga pelos pais ou tutores. Quasi todas as despesas e gastos com este estabelecimento e sua manutenção desde sua fundação até hoje correram por conta do Supplicante, tendo elle mandado construir para esse fim os edificios apropriados, que lhe custarão cerca de 2:000\$000 rs., alem das camas, mobilia, livros e tudo o mais material do ensino comprados por elle mesmo; trez professores auxiliares, que com elle e debaixo de sua direcção gratuita ensinão os alumnos, erão e são pagos pelo Supplicante. O unico auxilio que teve n'esta empresa, era a pensão de 120 rs. diarios, que cada alumno devia pagar, mas, que apenas foi pago por metade dos mesmos por causa da absoluta indigencia dos pais. Actualmente só tres alumnos pagão a dita exigua quantia. No mesmo Instituto se dá tambem instrucção secundaria (inclusive Francez, Inglez, Musica, etc) aos alumnos mais ricos, que pagão de 80 a 150 mil reis anualmente, mas infelizmente tem muito poucos nesta classe. O estabelecimento do Sppte. até agora cumpriu perfeitamente com o seu fim humanitario e já deu os mais satisfactorios resultados, menos quanto ao ponto peccuniario. Desde Janeiro de 1877 até Janeiro de 1878, contou 87, e desde então até principio de 1879, 107 alumnos e actualmente 117. Como prova de que o progresso dos alumnos em todas as materias do ensino primario e em algumas do secundario é muito louvavel, sirvão os attestados juntos do Vice-Presidente actual, do Snr. Chefe de Policia, do Snr. Dr. Antunes, do Director d'esta Colonia Dr. H. Blumenau e do Inspector das Esco-

las do districto Dr. Frederico Mueller, podendo ainda ser invocado o testemunho do Dr. Vice-Presidente desta Provincia, que na occasião de sua visita á Colonia, no dia 24 de Dezembro do anno proximo passado, assistio aos exames dos alumnos do Pensionato Central e distribuiu os premios e attestados, proferindo nessa occasião lisonjeiras palavras sobre o estado do estabelecimento.

Actualmente se acham 3 alumnos e uma alumna deste Instituto nos Semminarios da Côte para se fazer sacerdotes-professores e professoras e em pouco, tres mais entrarão nos mesmos Semminarios com o mesmo fim.

O Suplicante, como já disse, fez grandes sacrificios com sua obra, tendo com ella dispendido não somente todos os meios peccuniarios, que consigo trouxera da Allemanha, na importancia de rs. 4:500\$000 mas tambem n'ella empregado todos os seus vencimentos de capellão que recebe em virtude do Contracto com elle celebrado pelo Ministerio da Agricultura na data de 28 de Agosto de 1876 e que erão de 800\$000 rs. annuaes de gratificações e 360\$000 de cavalhadura e mais tarde a sua congrua e a gratificação de 60\$000 mensaes e tambem todos os direitos da estola. Infelizmente porem desde oito mezes o Supplicante, apezar do alludido contracto, ficou por ordem superior privado dos emolumentos respectivos, tendo a Thesouraria da Fazenda d'esta Provincia declarado ao Director d'esta Colonia, que desde o momento, em que canonicamente era installada a freguezia de São Paulo de Blumenau, ao Suplicante, como Vigario encarregado da mesma, unicamente competisse a congrua de 300\$000 annuaes. (Mas até esta tão exigua quantia até hoje lhe não foi paga). Assim o Supplicante, a quem seus meios proprios infeliz e finalmente se exgotarão, se acha ainda (mais) onerado com dividas, que tem de considerar e respeitar como sagradas. E assim e se não lhe vier auxilio de fóra, o Supplicante, com profunda desolação sua e dos pais dos seus alumnos, se vê na mais lamentavel situação e na triste necessidade de fechar seu Pensionato Central. Mas a extinção d'este estabelecimento faria de constituir, sem exagerar-se, um effectivo regresso e uma verdadeira desgraça para a Colonia Blumenau, e talvez para a Provincia, tendo o Instituto actualmente alumnos tambem de Gaspar, de Itajahy, de Camboriu, de Desterro, de S. Pedro d'Alcantara, etc. de Brusque, Biguassu, como se verá da seguinte exposição:

1) A grande disseminação e distancia, em que se achão entre si as habitações dos colonos para a grande massa torna impossivel frequentar a progenitura as escolas e principalmente receber a necessaria instrucção catholica moral e religiosa, ensino, etc, que por causa da differença das crenças dos colonos não se dá nas escolas coloniaes. Só a reunião da juventude n'um Pensionato-Central pode remediar estes males e produzir os effeitos salutaes que tanto se anhelão, para a prosperidade geral do Estado e a educação da geração futura.

2) Sendo a população d'esta Colonia composta de nacionaes, alle- mães, italianos, polacos, e outros que pela maior parte quasi exclusi- vamente fallão sua propria lingua, resulta d'ahi grande confusão á muitos respeitos e fica necessario e muito para desejar, que todos os habitantes estrangeiros aprendão quanto antes o idioma do paiz. Dos velhos pouco ou nada se pode esperar, mas nas creanças e jovens se devem concentrar todos os esforços. Se porem os meninos ficão constantemente na companhia dos seus pais, é evidente que a nova geração vai seguir o exemplo da lingoa dos progenitores, inconveniente geralmente reconhecido como não diminuto. Nem mesmo a frequen- cia das escolas existentes nas differentes partes da Colonia (o Suppte fundou mais quatro escolas particulares ainda existentes nos distritos mais distantes da Sede) está capaz à remediar este inconveniente, visto que os proprios respectivos professores, pela maior parte estrangeiros e sem os conhecimentos profissionaes não entendem sufficientemente o idioma nacional. Só um Pensionato-Central da organização como o Supplicante a deo ao seo, e em que a lingoa vernacula constitua uma das principaes materias, se poderá alcançar o fim anhelado.

De todos estes fins e desejos, o Supplicante deveria porem por forças desistir, se lhe faltasse d'ora em diante um muito modico mas indispensavel auxilio peccuniario. Nesta deploravel e attristadora si- tuação, e tendo o Supplicante já exgotado ao ultimo extremo todos os demais meios e expedientes, que lhe restarão, não pode deixar de se animar, para salvar da ruina e aniquilamento seu esperançoso e util estabelecimento de aproveitar-se do ultimo e supremo recurso, que ainda lhe resta, supplicando humildemente a Vossa Magestade Impe- rial:

Haja por bem mandar auxiliar o Pensionato-Central de educação e ensino na Colonia Blumenau, fundado e dirigido pelo Supplicante (com a subvenção de cem mil reis mensais), visto que os recursos do Suppli- cante para continuar a mantel-o com os unicos recursos, com que pode contar desgraçada e totalmente se achão exaustos, a ponto que a não ser generosamente auxiliado pelo Governo Imperial (e na forma indica- da) elle seria constrangido, ainda que com a mais profunda magoa, a fechar este seo Instituto, alias tão util para o bem geral e caro a elle, Supplicante, como um filho a seu pai. E. R. M. Blumenau, 30 de Mar- ço de 1879. (Selado com 400 rs). (as) Pe. José Maria Jacobs".

"Illmo. e Exmo. Snr. Dr. Presidente da Provincia:

Persuadido da generosidade de V. Excia. e fiando-se no seu conhe- cido zelo acerca da educação e instrucção da mocidade desta sua Pro- vincia, o Pe. José Maria Jacobs, Diretor do Collegio de São Paulo de Blumenau, ousa levar a presente petição ao coração philantropico de V. Evcia. Foi em Janeiro de 1877, que o Supplicante, sentindo a gran- de falta de educação e instrucção neste Municipio, fundou ás suas pró- prias custas, o Collegio de São Paulo neste logar ao fim de n'elle forne-

cer educação moral e instrução primaria e secundaria não só median-  
te uma modica pensão — aos filhos de pais bem situados, como tam-  
bem gratuitamente e alem disso alimentação e vestidura á mais possi-  
vel numero de meninos pobres, orphãos e desamparados. De prova, que  
o Instituto sabia bem e com os melhores resultados para os seus alum-  
nos desempenhar a sua tam ardua tarefa, servem, alem dos respectivos  
documentos officiaes depositados no Archivo da Directoria Geral da  
Instrução Publica: — o grande augmento do numero dos alumnos e  
suas aprovações annuaes; — a concessão d'uma subvenção mensal pe-  
los cofres Provinciaes de que elle gozou até Setembro proximo passado;  
— o primeiro que a Associação protectora da Infancia desamparada se  
dignou conferir-lhe em 1885: — as generosas dadivas de mais de doze  
contos de reis que lhe foram feitas por Sua Magestade Imperial e SS.  
AA. II. e outras pessoas gradas da Côrte e pelas quaes o Supplicante,  
em 1885, podia realizar a edificação d'uma aula nova, mais ampla do  
que a antiga, dispendendo doze contos de reis; — bem como os elogios  
com que os Exmos. Snrs. Presidente da Provincia desde a fundação do  
dito Collegio, o tem honrado. Hoje, vendo o Supplicante os seus meios  
particulares, que trouxe d'Europa a este paiz totalmente exgotados,  
sendo-lhe subtrahida, em Setembro proximo passado, a subvenção do  
Governo Provincial e restando-lhe apenas só os seus vencimentos da  
congrua e d'estola como Parocho, com estes ultimos meios e com a  
diminuta pensão dos alumnos de pais bem situados só não pode conti-  
nuar a manter o dito Instituto em que actualmente funcçionam, alem  
delle mesmo, quatro professores e o que fornece instrução e educação  
não só aos filhos de colonos allemães, italianos, francezes, inglezes e po-  
lacos, como também aos de brasileiros natos pobres. Nisto, porem, tan-  
to a extincção como a restricção deste estabelecimento haverem de pro-  
duzir um effectivo regresso e até uma verdadeira desgraça para a popu-  
lação deste vasto Municipio, por isso o Supplicante vem respeitosa-  
mente pedir a V. Ex. se digne conceder ao Collegio de São Paulo, a subven-  
ção necessaria para sua continuação.

E. R. Mcê. Blumenau, 8 de fevereiro de 1887. (as) Pe. José Maria  
Jacobs".

"JORNAL DO COMMERCIO — Numero 220 — Assembleia Pro-  
vincial. Sessão de 3 de Setembro de 1886 (2ª. discussão do projecto  
nº. 54).

O Snr. NUNES PIRES. — Snr. presidente, não posso deixar de  
combater este projecto porque vai consummar uma grande injustiça e  
ferir a instrução publica. (Apoiados). Sr. presidente, é para notar,  
tendo-se votado aqui escolas até para arrayaes, se queira agora tirar a  
subvenção ao Collegio de Blumenau, especialmente agora que este mais  
precisa, pois ha pouco construiu um novo edificio em que gastou R\$.  
14:000\$000. O Collegio do Padre Jacobs tem tido cento e tantos alum-  
nos, internos e externos, e é um collegio n'estas condições que se quer



matar! A retirada da subvenção vae sem duvida fazel-o fechar a porta. A pensão que pagam os internos de 1<sup>a</sup> classe é de 200\$000, os de 2<sup>a</sup> classe 120\$000 e os de 3<sup>a</sup> classe 60\$000 annualmente; ora, já se vê que a casa com uma pensão tão diminuta não é possível tratar os alumnos a vela de 60\$000 rs. e 50\$000 rs. mensaes! Admira realmente que o Sr. 1<sup>o</sup>. secretario e o nobre leader da maioria, os mais empenhados em proteger a instrucção publica, queiram matar um collegio nas condições do de S. Paulo de Blumenau. Vejo na physionomia do nobre leader o seu constrangimento; metteu-se n'um beco sem sahida. Disse S. Ex. respondendo ao nobre collega sr. Barreiros, que não era perseguição politica. Eu não digo que seja, mas creio que seja ainda peor: creio ser o dedo do protestantismo para que não progridam na colonia as idéas catholicas romanas. O Padre Jacobs é um dos melhores Padres de Sta. Catharina e cumpridor de seus deveres. Sinto que o nobre deputado, sr. Asseburg, esteja auzente, porque quando levei ali um filho meu perguntei ao sr. Asseburg que tal era o Collegio e respondeu-me que fazia bem em ali deixal-o a educar, isso ha mais de um anno. Em Blumenau, para me certificar mais perguntei a um negociante de criterio e muito honrado Sr. Luiz Sachtleben, e ao Snr. H. Koehler Junior, que me informaram bem relativamente ao Collegio. E então levei o meu filho e entreguei-o ao Padre Jacobs, e não tive motivo de arrependimento.

O nobre leader disse o que deseja é que a instrucção será bem aproveitada; ora, como se quer isso, se se retira a subvenção na occasião menos opportuna? O que predomina n'este paiz é a destruição.

Crea-se para depois destruir-se. Desde que se crea um estabelecimento como este, deve-se-lhe dar apoio e não retiral-o. Como é que os srs. Prado Faria e Thomaz de Oliveira querem consummar um acto que depois vae fallar contra nós? O Collegio recebe pensionistas pobres que nada pagam. Existem alguns, e se outros se têm retirado é porque o Collegio está necessitando de auxilios. Sobre a fuga de alumnos direi, que retiraram-se alguns alumnos porque muitos não se querem sujeitar ao regimento do Collegio. Diz o nobre leader que viu os meninos com as mãos grossas de trabalharem na roça; aqui bem perto, em Sta. Isabel, existe um collegio onde os meninos pobres, que não podem pagar, trabalham na horta. E não é isso um facto digno de censura. O trabalho, conforme as forças de cada um, é acto hygienico. O Collegio de S. Paulo de Blumenau é muito bem dirigido mas hoje está luctando com grandes difficuldades: Fez um novo edificio com esmolas obtidas e ficou sem recursos. Então bem vêm os nobres collegas que não é agora a occasião de tirar-se-lhe a subvenção. Quer-se despir um santo para vestir-se outro. Disse o nobre leader que ahi não se ensina o idioma portuguez perfeitamente. Concordo com isso, porque os professores são allemães e não podem portanto fallar o portuguez; mais obrigue-se o collegio bilitado e não seja esse o pretexto para negar-se a subvenção. Recordo-me que, na 1<sup>a</sup>. discussão d'este projecto, o sr. 2<sup>o</sup>. secretario fa-

lou em informações do sr. dr. Fritz Muller; peço aos nobres deputados que não votem n'esta materia sem estudal-a bem. Parece que ha uma certa propaganda protestante que quer destruir aquelle baluarte de propaganda catholica. Vou concluir, tendo defendido os interesses da instrucção publica, ainda que mal. (Não apoiado). O nobre leader foi mal informado, ou victima de uma tentação. (Risos). O nobre collega é meu amigo. sr. Lepper, ficou meio encommodado commigo por haver eu fallado no protestantismo, mas não sustentei isso, foi uma supposição".

## II — "TORPE TRÁFICO DE CARNE HUMANA BRANCA"

Visando o povoamento de imensas áreas desabitadas, o Governo Imperial do Brasil, de 1847 a 1874, estabeleceu apreciável número de colônias bem como assinou 33 contratos diversos, com firmas e particulares, para introdução de imigrantes preferentemente de procedência de países europeus.

Entre estas colônias oficiais estava a "ITAJAHI", criada em 1860 e entre os contratos, o celebrado em 1850 com o Dr. Hermann Blumenau, estabelecendo a colônia "BLUMENAU", tornada oficial a 13 de janeiro de 1960.

Na execução destes contratos bem como na orientação das colônias criadas, se cometeram barbaridades de toda a espécie, tanto no atinente ao aliciamento e seleção dos emigrantes, como no seu transporte até ao porto de destino e posterior localização nas colônias respectivas.

É que tanto os agentes aliciadores, mais conhecidos pejorativamente como "negreiros da emigração" e "comerciantes de carne humana", como os agentes das companhias de navegação — remunerados que eram por cada emigrante embarcado — mancomunavam-se, praticando as mais variadas formas de exploração, de fraudes e ladroerias, contra os indefesos emigrantes que confiavam nesses infames agentes.

Assim é que, emigrantes embarcados com destino a um porto da América do Sul, eram forçados a desembarcar noutro ou empurrados para barcos a vela quando a passagem paga era para os a vapor, quando então permaneciam no mar, algumas vezes até mais de seis meses.

Meus tio-avós paternos, destinados a Santa Catarina juntamente com meus avós, foram desembarcados, um em Santos e outro no Rio Grande do Sul, sendo que uma minha tia-avó materna, foi desembarcada em Desterro e seu marido em Buenos Aires.

De 1860 em diante, os colonos destinados ou desembarcados em Desterro eram retransportados para o Barracão de Recepção na barra do Itajaí-Mirim, em Itajaí, de onde eram encaminhados para as colônias de "Itajahy" atual Brusque e a de "Blumenau", nessa data já declarada oficial.

O tratamento então dispensado pelos encarregados do Governo

Imperial e Provincial, era o mais desigual possível: para "Itajahy", grandes subsídios, pontualmente pagos e para "Blumenau" reduzidas quantias pagas com grande atrazo, causando enormes transtornos e aborrecimentos ao Dr. Blumenau.

Foi diante dessa injusta quão injustificável preterição que o Dr. Blumenau endereçou ao Ministério da Agricultura, a que estava afeta a orientação da imigração no Império, violento memorandum de protesto, em que, não só pormenoriza a diferença de tratamento dispensado às duas colônias, como também arraza o critério adotado para a colonização, taxando-a de "torpe tráfico de carne humana branca" e um velhacouto de ladrões dos dinheiros publicos, "sem consciência, sem honra e pundonor".

Por inédito, transcrevemos o importante documento histórico, cuja cópia manuscrita original, faz parte de nosso arquivo, e pelo qual se evidencia a extraordinaria personalidade do Dr. Blumenau, que não temia consequências quando estivessem em jogo os altos interesses dos povoadores da Colônia que fundou:

"APONTAMENTOS sobre a distribuição dos fundos necessarios aos servidores das colonias Blumenau e Itajahy, ás duas respectivas directorias e suas despesas; a maneira por que a seu respeito se tem procedido e outros assumptos attinentes à immigração e colonização.

As bases racionaes e acertadas para o calculo e distribuição dos fundos, que devem ser distribuidos pelas duas colonias, no meu obscuro entender, não podem ser senão os seguintes:

O numero de habitantes existentes e subordinados ao regime colonial e, nos respectivos negocios, à administração da directoria, ficando destacados e contemplados em separado aquelles que se estabelecerão nos dous annos ultimos e que, portanto, ainda carecem de alguns auxilios indirectos, mediante o serviço e ganhos em obras publicas, estradas, etc; Área da colonia e, portanto, a extensão dos caminhos e das estradas existentes, bem como sua qualidade, isto é, se ainda provisórias, ou se já accessiveis á rodagem; A despesa necessaria para conservar em soffrivel estado as estradas, que são de rodagem, e para tornar capazes deste myster as que ainda não o são e com urgencia precisão de o ser; As demais obras e construcções, as quaes ou não são necessarias e então não deverião ter sido executadas, ou que realmente o são e nesse caso deverião ter sido auctorizadas e ainda deverião ser concedidas, não por favor especial á esta ou áquella colonia somente, mas a todas, que se achão em circumstancias analogas, não por favor e sim por justiça e equidade; O numero dos immigrants, não só dos ultimamente chegados, como dos que com probabilidade, ou certeza, se deverião esperar e estabelecer nos proximos dous a tres trimestres; O numero dos colonos nacionaes e dos filhos dos colonos já estabelecidos, com cujo

estabelecimento se deve contar, de conformidade com a experiencia da localidade, e em connessão com estes ultimos dous pontos; A construcção de casas e barracões de hospedagem para os novos immigrants; a redução ou ampliações das explorações de terras, da medição de lotes, da construcção de caminhos e pontes permanentes ou provisórias, e dos trabalhos empregados para que sejam accessiveis á rodagem os caminhos mais importantes já existentes. Finalmente, as necessidades, serviços e obras especiais exigidas pelas circunstancias tambem especiais da localidade, ou do terreno, e pelas indeclinaveis necessidades do momento.

Estas bases racionais e justas acaso, porem, forão observadas e estão adaptadas no calculo e distribuição dos fundos ás duas referidas colonias ou o forão nas occurrencias antecedentes e sobre tudo no proximo passado ! Ao contrario parece, que se procedeo no mesmo calculo e distribuição **sem** base racional e aereamente, para não dizer por mero capricho e parcialidade, por anthipathias ou sympathias e considerações essencialmente **pessoaes**! Confiramos quanto é possivel conferir, porque infelizmente o ultimo relatorio ministerial é muito incompleto em dados, não exhibindo mesmo o numero dos immigrants entrados para as differentes colonias, com as unicas excepções de Blumenau e D. Francisca.

No fim de 1874 Blumenau contava 7.621 e Itajahy 3.500 almas de população, estando sob regimen colonial 2.891. Blumenau teve portanto mais do dobro de população, evidenciando tambem um golpe de vista sobre os respectivos mappas, que, pela muito irregular configuração do terreno e por causa dos grandes e numerosos rios e ribeirões, as vias de comunicação, as estradas e os caminhos abrangem, comparados com Itajahy, não somente extensão desproporcionalmente maior, mas ainda, em muitas partes, sua construcção foi e é mais difficil e dispendiosa, causando de mais a mais a necessidade de barcas de passagem, adaptadas para carros de quatro rodas e quatro animaes, como são e dizem ser, despesa não pequena, da qual Itajahy é quasi totalmente eximida.

A minuciosa e exacta comparação dos caminhos, das estradas e das obras de arte, que lhes são pertencentes, é infelizmente impossivel, porque ainda, desta vez o relatorio ministerial exhibe unicamente as indicações e cifras, que se referem a Blumenau.

No anno de 1874 Blumenau teve 220 novos immigrants **extrangeiros** não sendo incluidos e considerados os não poucos **nacionaes e filhos de colonos já estabelecidos**, que comprarão ou tomarão lotes de terra, já munidos de caminhos e pontes provisórias, importando, porem, a despesa com cada um delles em cerca de Rs. 165\$000 a 200\$000. Não exhibindo o relatorio nenhuma indicação analogas sobre Itajahy, parece-me contudo, que allí a nova immigração estrangeira durante o anno foi quasi a mesma. No presente anno porem e até meados de Outubro ella deve ter chegado em Blumenau de 760 a 800 pessoas, entre

tanto que em Itajahy não entrarão talvez mais de 200, sejam porem 300; e não obstante taes cifras irrefragaveis, e este e outros factos incontesteis, distribuirão-se no corrente exercicio, oito contos de réis mensais á Itajahy e somente dez a Blumenau! E se insiste que tal distribuição sirva de norma!

Allega-se, é verdade, que Blumenau existe desde 1852, e que Itajahy já foi muito preferida e atrazada, carecendo, portanto, esta de muito maiores subvenções e auxilios; a verdade, porém, é que, passando Blumenau, em 1860 para o Governo Imperial, contava 744 almas de população, achando-se as vias de comunicação e tudo o mais, por falta de fundos, no mais deploravel estado e atraso. Mas no mesmo anno de 1860, se fundou tambem a colonia Itajahy, sendo desde logo auxiliada por todos os modos, e dando-se o interessante e significativo facto que, entretanto que para certa colonia e a Theresopolis não faltavão os fundos, eu desde 13 de Janeiro até 10 de Dezembro, em que me forão pagos dous! contos de reis, unicamente, não recebi nem um vintem para as despesas da colonia á meu cargo, nem mesmo os meus vencimentos e o do guarda-livros e agrimensor, tendo eu assim tido a honra de custear a colonia do Governo com a **minha** bolsa!

Esta e outras cifras e factos demonstrarão a realidade e já pertencem á historia da nossa colonização: o mais, que se profere e allega, é tão somente para cohonestar o singular patrocínio a Itajahy e a não menos extranha e até revoltante preterição de Blumenau, a qual, com alguns intervallos de equidade benevolencia, que eu e os seus habitantes sempre reconhecemos com grata memoria, data de longos annos: o mais, digo, é completa ignorancia, ou pelo menos erronea apreciação dos factos, como **realmente se derão, não** como forão apresentados e até impressos em muitas informações e escriptos **officiaes**, para não dizer, que é effectiva mystificação e adulteração da verdade! Os habitantes de Blumenau, portanto, queixando-se, como amargamente se queixão, têm maxima razão, deplorando que grande parte dos seus mais importantes interesses tenham sido preteridos, pospostos e quasi de proposito desattendidos!

Para a directoria de Itajahy tem havido de 3 a 4 **annos** a esta parte promptidão nos pagamentos e fundos sufficientes e até abundantes, não somente para o indispensavel e urgente, mas ainda para o dispensavel e simplesmente agradavel: para **Blumenau** o resto e ás vezes as **migalhas** que frequentemente nem mesmo têm chegado para o **indispensavel e urgente**, e quasi sempre tem sido concedidos com pouca boa vontade, com procrastinação e depois das mais desagradaveis representações e luctas, intervindo até algumas vezes a adulteração dos factos a intriga, a mentira e a calumnia!

Uma ordem da Presidencia da Provincia do mez de Agosto do anno passado, determinava que as despesas das duas directorias colonias, não excedessem de quatorze contos de reis mensaes, e uma outra

terminante ordem presidencial de 17 de Fevereiro ultimo, que as mesmas despesas, dessa data em diante até ulterior ordem, se restringissem em Itajahy a dez e em Blumenau a oito contos de reis mensaes, não obstante a população desta, de mais do dobro, a extensão das vias de comunicação, as urgencias correspondentes e o atraso, em que muitas obras e serviços se achavão por falta de fundos. Apesar de tão terminantes ordens, porem, a directoria de Itajahy recebeu para aquelle mez de Fevereiro Rs. 19:700\$000; para Março não me consta quanto, mas para Abril e Maio Rs. 58:694\$000; e não somente deixou de ser censurada pela desobediencia e perturbação de todos os calculos e disposições sobre a regular e acertada distribuição dos respectivos fundos, mas ainda, no ultimo relatório ministerial (pag 255), foi louvada "pelas providencias ultimamente dadas pela intelligente direcção do engenheiro Betim Paes Leme", entretanto que a directoria de Blumenau recebeu para Fevereiro só Rs. 8:000\$000, para Março Rs. 14:250\$000, incluindo a despesa com a importantissima vereda para Curitibanos, e para Abril e Maio **nada!** tendo no entanto de supportar os clamores e até doestos dos colonos descontentes, irritados e ainda instigados por **empregados do proprio Governo**, o que obrigou-me á vir em Maio á esta Côrte, reclamar justiça e allivio, conseguindo, finalmente, em junho o pagamento suplementar de vinte contos de reis.

No ano de 1871, quando eu havia tambem sido accusado caluniosamente (e até procurára tornar-me suspeito de malversação!!) quando da mesma maneira como recentemente se quiz fazer-me passar por **bête noire** eu **caveira de burro**, à mim, meus subordinados e minha administração, apresentei ao Mnisterio da Agricultura, com data de 7 de Agosto, sob o titulo de "Dados Estatisticos sobre as colonias Itajahy, Blumenau e D. Francisca - Comparações e conclusões" - um penoso trabalho de dados e cifras, com o qual **provei**: que ditas trez colonias cada habitante havia custado ao Governo proporcionalmente a **menor** quantia em Blumenau e a maior em Itajahy — quasi o dobro! e mostrei, abstracção feita dos roubos e malversações alli occorridas, que, para collocar em pé de igualdade os habitantes de Blumenau com os de Itajahy nos favores e nas quantias dispendidas em beneficio dos colonos, erão necessarias, e para ainda dispender-se em Blumenau, não menos de Rs. 529: á 530:000\$000!

Até 31 de Dezembro de 1869 havião custado **directamente ao Estado**, segundo os dados officiaes, publicados no relatório do Engenheiro L. M. Alburquerque Galvão, 5.985 habitantes de Blumenau — . . . . . Rs. 595:280\$000 — e 1.696 ditos de Itajahy — Rs. 347:572\$000, ou effectivamente Rs. 380:582\$000, sendo roubados ou extraviados Rs. . . . . 45:000\$000 — foi, portanto, o custo de cada um habitante para o Governo em Blumenau, de Rs. 115\$000 — e em Itajahy, de Rs. 206\$151(!).

Desde então a desproporção no patrocínio de uma era preterição de outra ainda tem-se augmentado, **como as cifras e os factos o de-**

**monstrão** e como acima já ficou evidenciado. A despesa total de directoria de Itajahy tem sido de cerca, ou ainda mais, de Rs. 400:000\$000, a da directoria de Blumenau de Rs. 273:125\$770 — ambos nos dous exercicios financeiros de 1873 a 1875.

Em Itajahy tem havido sempre regulares pagamentos de fundos sufficientes e até abundantes, actividade não interrompida nos serviços de caminhos e nas estradas, e outros melhoramentos importantes e até luxuosos; em **Blumenau**, por causa inversa e contraria, mezes inteiros, e ás vezes trez e mais, e na **mais favoravel estação do anno por força perdidos** em quasi completa inactividade, demorados e diffcultados os serviços dos caminhos em geral, e durante annos desatendidas as repetidas e instantes representações e pedidos sobre as importantissimas estradas Indayal, Warnow e vereda para Curitibanos, não obstante bastar um exame de qualquer mappa da Provincia de Santa Catharina, para se conhecer o extraordinario valor desta ultima communição, que desde logo se deveria converter em estrada, por ligar os extensos planaltos de cima da serra e uma numerosa população com o proximo porto de mar — Itajahy — de uma maneira tão commoda, tão facil e economica, e offerecer para uma excellente estrada de rodagem e até para um caminho de ferro, condições tão vantajosas, como todo o resto do littoral, desde Santos até ao rio Mambituba, **não apresenta mais**; e, apenas energicamente encetados e activados estes serviços, logo tiverão de ser afrouxados e enfim completamente interrompidos, e isto na mais apropriada estação do anno!

Em **Itajahy**, dentro de dous annos, quasi acabada uma vasta e bella matriz, com relógio e sino; em **Blumenau**, principiado desde cerca sete annos, mas ainda hoje em construcção edificio analogo, mas de muito mais modestas proporções; e a casa de oração evangelica, e até agora **indeferido** meu pedido da modesta quantia de um conto e quinhentos mil reis, para a compra de relógios, sinos e alguns outros singelos ornamentos! Em **Itajahy**, uma elegante casa da directoria já acabada; em **Blumenau** esta mesma construcção completamente interrompida ha cerca de **nove** mezes! Alli subvenções mensaes para os professores particulares, subvenções e casa para uma sociedade de Agricultura e industria, um passeio publico, ou cousa semelhante, feito **á custa do G<sup>o</sup>verno**; em **Blumenau** ha muito tempo **desattendidos** todos os meus respectivos pedidos e as reiteradas e instantes reclamações dos professores, e quanto ao mais — nada! Em Itajahy, o director, o medico, os empregados subalternos, os officiaes de officio e quaesquer operarios mais generosamente pagos do que os de Blumenau, etc. A' vista de tantas e tão notaveis e extranhas desigualdades no tratamento e na distribuição de beneficios e favores, a que ainda se devem accrescentar as justissimas queixas e clamores sobre a preterição dos Voluntarios da Patria, que servirão na guerra contra o Paraguay e ainda não forão pagos, entretanto que desde longo tempo tem sido satisfeitos os de Ita-

jahy; á vista da falta, desde cerca de quatro annos, de um padre e do alimento espirital regular para os catholicos, apezar das minhas instancias tanto ao Governo, como á Curia Episcopal, á vista da falta de um bom medico da colonia, não obstante ter eu já solicitado no mez de Outubro do anno proximo **passado** logo depois do fallecimento do ultimo, representando e fazendo propostas á respeito, as quaes porem por malicia ou negligencia ficarão retidas na Presidencia de Santa Catharina durante oito mezes; á vista do miseravel estado e exercicio da Policia da Colonia, da qual durante muitos annos se podia quasi dizer, que não existia de maneira alguma, achando-se ainda hoje no mais lamentavel estado; á vista da irregular, caprichosa e até extorsiva distribuição de differentes impostos e da desordem e parcialidade, que reinou na cobrança; á vista dos negocios de Orphãos, de heranças e partilhas; á vista da procrastinação da navegação a vapor no Rio Itajahay, não ha muito tempo enfim encetada por uma companhia **bem** subvencionada e especialmente protegida, mas com um vapor totalmente improprio para a navegação desse rio, e fazendo um serviço tão irregular e tão interrompido, que tambem provocou da parte da colonia D. Francisca vivissimas queixas e reclamações; á vista de tudo isso e analogas queixas que vierão de outras differentes colonias, repito, como se pode admirar e extranhar, que os habitantes de Blumenau, **desde annos** preteridos e descontentes, amarga e vivamente se queixem: (e note-se que frequentemente o fazem ao director e pessoal da directoria de modo inconveniente e brutal!) primeiro áquelle, por lhes estar mais proximó, e considerando-o como o **mais culpado**, o maltratão e atormentão como um constante martyrio e depois vão repetindo as queixas aos seus consules e ministros no Paiz e aos seus amigos e parentes na antiga patria, bem como aos estranhos e viajantes, que costumão visitar as colonias, engrossando-as muitas vezes ainda com mentiras e calumnias. Como se poderá extranhar e admirar que os diplomatas, os visitantes e os correspondentes de jornais digão: — os benevolos e cordatos que o Governo quer e deseja os **fins**, mas não quer nem emprega os **meiõs**; quer todos os beneficios e vantagens, mas não os incomodos, as penas e despesas inherentes e indispensaveis, tendo contudo esbanjado e continuando a esbanjar sommas fabulosas com cousas secundarias; que a immigração e colonização no Brasil, seu tratamento e suas manipulação constituem uma amontoação de reptidos absurdos e contradicções, de imprevidencias e desleixos e até de graves faltas contra todas as regras da boa economia politica e da arithmetica administrativa: — e os Aristarchos, censores e adversarios decididos, servindo-se até não raras vezes, e sempre com successo, de mentiras e calumnias que nestes negocios os verdadeiros e reaes interesses, o progresso e o bem estar do **Paiz** e dos **immigrantes e colonos** — não occupão o primeiro e sim o **ultimo** lugar que nossa intitulado immigração ficou rebaixada e reduzida finalmente a um torpe trafego de carne humana branca e ao desperdício, ou mesmo



roubo dos dinheiros do Estado, organizado em favor de alguns especuladores sem consciencia, sem honra e pundonor; que nossa decantada colonização não passa de uma hypocrisia e de um pretexto, servindo em primeiro lugar para disfarçar interesses menos confessaveis e a todo ponto extranho á propria causa, etc, etc. concordando, enfim todos, em que o Governo e muitos filhos do Brasil, salvo algumas muito honradas, é verdade, mas tão pouco numerosas e dispersas excepções, que não têm tido influencia e actividade sufficientemente poderosas para modificar a desastrada marcha daquelles negocios: que elles são dotados de mui especial geito e talento, para protelar tudo, que é de momento e de summa importancia, para offender, desgostar e affastar seus amigos os mais sinceros e desinteressados, attrahindo simultaneamente, e como em compensação, aventureiros e traficantes cubiçosos, e deixando-se por elles com toda a bonhomia lograr e roubar?!

Rio de Janeiro, em principios de Novembro de 1875

(as) Dr. H. Blumenau

## ESTANTE CATARINENSE

*por Carlos Braga Mueller*

THEAGÁ, de Theobaldo Jamundá

Edições Signo — Academia Catarinense de Letras, n.º. 1-1978.

Havíamos tomado conhecimento de que já estava impresso este livro. E portanto, deveria estar a venda. Mas, qual. Nem nas livrarias de Blumenau, nem nas de Florianópolis conseguimos localizar a obra. Um amigo que tentou comprar "Theagá" nas livrarias da Capital, não desistiu. E fez um contato pessoal com o Autor. Assim, consegui o livro, antes mesmo, frise-se a bem da verdade, de que seja lançado oficialmente (e por isso ainda não está à venda). Aliás, pelas notícias que nos dá Jamundá, em atencioso cartão, o lançamento deverá ocorrer em Blumenau, quando seus amigos organizarem o evento. E por que Blumenau? Porque o livro trata muito de Blumenau. Além de virtude, escrever sobre Blumenau já deve ter se tornado um vício para Jamundá. Vindo do norte, onde nasceu, passou muitos anos na região do Vale do Itajaí. Indaial, Blumenau, sua gente, seus costumes, a tradição germânica, tudo isso foi tomando conta do jovem que havia vindo do norte. A ponto dele tornar-se um profundo admirador das coisas que foram moldadas pelos costumes e tradições germânicos. De sua pena, para exemplo, saiu o livro "Um Alemão Brasileirissimo, o Dr. Blumenau", onde aponta as qualidades e virtudes do fundador da cidade de Blumenau. Autor de termos novos, como "Catarinensismo", que deu tí-

tulo a outro livro seu, editado em 1974, Theobaldo Jamundá lança agora oficialmente, em livro, a palavra "Blumenauensismo", para caracterizar as coisas típicas de Blumenau. Aliás, o termo já fora empregado em dezembro de 1975, quando proferira conferência no "1º. Congresso de História do Vale do Itajaí", sob o tema "Interpretação de Blumenauensismos". Sobre o livro "Theagá" podemos dizer que, das páginas 37 a 93 é uma crônica sobre a Blumenau de determinada época. Uma época mais ou menos situada na década de quarenta. Neste cenário, o Autor narra fatos de que participou, entremeados com passagens da história do município, não faltando a citação de pessoas que — presume-se-lhe eram caras. (e se dizemos "eram caras" é porque quase todos já morreram). Pelas páginas do livro passam episódios que marcaram dias agitados. Por exemplo, um trecho é dedicado ao "Movimento por Blumenau Unido", que eclodiu quando quiseram (e conseguiram) o desmembramento do enorme Município que era Blumenau na época. Não resta a menor dúvida de que esta crônica sincera sobre Blumenau vem em boa hora. Vem para mostrar às novas gerações muitas coisas que passaram e que ainda não tiveram o seu devido registro como fatos históricos. Aguardemos o lançamento oficial e a posterior colocação do livro a venda. Saliente-se que a presente obra é a primeira de uma coleção que a Academia Catarinense de Letras pretende lançar sob a égide de "Edições Signo".

(Signo é o nome da revista que a ACL vem editando há algum tempo) .

---

## AS LUTAS OPERÁRIAS NO BRASIL: LUTA DE CLASSES OU CONFLITOS?

Afonso Imhof\*

A reedição do livro de HERMÍNIO LINHARES (1), inicialmente surgido em 1955, possibilitará aos estudiosos das Ciências Sociais, a oportunidade de consulta de um importante livro e que, devido sobretudo ao seu conteúdo documental das lutas populares havidas no Brasil, ensejará uma visão mais ampla do quadro histórico transcorrido desde 1823. Foi nesse ano que surgiu o jornal "Sentinela da Liberdade", período no qual o Autor inicia seu relato de fundação de jornais, alcançando cronologicamente o ano de 1955. Nesse período alinha também

---

\*. Da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville.

(1) CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DAS LUTAS OPERÁRIAS NO BRASIL, 2ª. ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1977, 98 p.

cronologicamente, as lutas travadas intelectualmente, como p. ex. o aparecimento dos diversos jornais, órgãos políticos e greves ocorridas.

O estudo (2) de LINHARES, tem dois aspectos que emergem durante a exposição de suas idéias — o emocional — ideológico e o documental.

Indiscutivelmente, o primeiro aspecto peca por incorreções conceituais que merecem nesta resenha, uma crítica mais específica. Emocionalmente o Autor coloca frases sem consistência teórica. Exterioriza um desejo de encaixar várias situações histórico-sociais dentro de um quadro estrutural-dialético. Confunde conflitos étnicos, raciais e coloniais com luta de classes.

Uma frase que assalta o quadro teórico marxista é indubitavelmente esta:

"A história das lutas de classe no Brasil começou desde sua descoberta". (p. 15)

Esta colocação não resiste à qualquer análise crítica. "Luta de classes chama-se ao confronto que se produz entre duas classes antagônicas quando lutam por seus interesses de classe" (3).

Nem na descoberta do Brasil, nem no extermínio dos indígenas, nem na submissão física e cultural do índio e do negro, não ocorreram lutas de classes. Que classes sociais haviam?

O conceito de "luta de classes" que MARX criou, destina-se à realidade interna de uma sociedade de classes porquanto, inaplicável para explicar lutas de povos escravizados contra povos escravizadores. A luta de classes dá-se internamente entre classes sociais antagônicas, como por exemplo: proletariado X burguesia. Assim, mesmo sendo tautológica, devemos explicitar: índios e negros escravos no Brasil não se constituíram em classes sociais; houve, entretanto, antagonismos, levados inclusive, a choques armados.

O posicionamento político-ideológico do Autor, vulgarizou, opacizou a operacionalização desse conceito. Quando MARX diz que: A história de toda sociedade tem sido até os dias atuais, a história das lutas de classes, referia-se à sociedade que com os seus modos de produção específicos criaram classes sociais antagônicas, dentro da própria formação econômico-social. O conceito de luta de classes abrange exclusivamente lutas de classe (sociais).

Entretanto o Autor emprega o termo "luta" corretamente quando se refere ao trabalho intelectual (dos intelectuais) que a partir de 1823 aparece nos jornais, periódicos, partidos e órgãos políticos, de di-

---

(2) Estudo aqui é tomado para definir um certo tipo de literatura documental descritiva, sem vinculação a um referencial teórico explicativo e interpretativo.

3. HARNECKER, Marta. CONCEITOS ELEMENTAIS DO MATERIALISMO HISTÓRICO, p. 192.

versas tendências, com o intuito de dissolver a ideologia dominante.

Apesar de não estar explicitamente externado o "conceito de luta de classes" válido para greves, nós sentimos implicitamente em suas colocações emocionais pseudo-científicas como aquela da introdução — "a história das lutas de classes no Brasil começou desde a sua descoberta".

Para o Brasil, o estudo das greves assume o cunho teórico de conflito industrial em vista de o operariado grevista opor-se apenas a nível local, isto é, realiza greves contra o empregador, o patrão, enquanto que para assumir a forma de luta de classes, a classe proletária deve lutar contra a classe burguesa, detentora dos meios de produção. O confronto entre os operários de uma fábrica e seus patrões, é um conflito, mesmo que exterioriza elementos políticos.

Efetivamente, no Brasil houve greves; jamais luta de classe. Foi MARX (4) que elaborou inicialmente a explicação de que "(.. ) essa massa já é uma classe relativamente ao capital, mas ainda não é uma classe para si". Quando o nível da consciência de classe atingir a existência da "classe para si, então poderá surgir luta de classes — o operariado, o proletariado em geral, contra a classe capitalista. As greves para LENINE são débeis começos (5). Explica que a luta dos operários se converte em luta de classe, só quando os representantes avançados da classe operária de um país adquirem consciência de que formam uma classe única e empreendem a luta não contra patrões isolados, mas contra toda a classe capitalista e contra o governo que apóia essa classe.

LINHARES, não capturou apropriadamente o conceito de "luta de classe" e, portanto, o seu estudo perde muito do seu valor explicativo.

No segundo aspecto, o documental, reside a importância dessa segunda edição, onde alinha cronologicamente o aparecimento dos jornais esquerdistas e não esquerdistas, partidos, greves, movimentos e órgãos políticos.

Constitui-se numa coleção factual de importância para uma história social do Brasil, especialmente das lutas sociais e políticas travadas pela intelectualidade da esquerda e pelas diversas classes profissionais (6).

O valor do estudo de LINHARES reside substancialmente na sistematização desses dados factuais, especialmente quando reproduz estatutos, objetivos, ideais e histórias dos jornais, dos partidos e dos órgãos políticos.

---

(4) Miséria da Filosofia, Grijalbo, 1976, p. 164.

(5) Apud. HARNECKER, M. op. cit., p. 192.

(6) Há necessidade de registrar uma informação inverídica constante na página 86, quando diz: "Houve em Santa Catarina, durante o ano de 1954, greves do proletariado de Brusque e de Blumenau que duraram mais de um mês, chegando a ocupar fábricas; (...)". A greve

operária de Brusque, transcorreu de 19 de dezembro de 1952 a 26 de janeiro de 1953, portanto 37 dias, pacificamente, sem ocupação das fábricas, houve piquetes de greve para impedir o trabalho. Eis uma retificação factual que se fazia necessária.

---

## O "Kolonie-Zeitung"

II

Elly Herkenhoff

É bem verdade que o "Kolonie-Zeitung" não foi o primeiro a ser lançado naquela fase, pois desde 1861 outro jornal já existia em Porto Alegre. Era o "Deutsche Zeitung" (Jornal Alemão), que seria um dos mais importantes e de mais longa existência entre os periódicos redigidos em alemão, uma vez que — assim como o nosso "Kolonie-Zeitung" — ainda circulava em 1941, quando desapareceu definitivamente.

No entanto, a precedência do "Deutsche Zeitung" se deve apenas a um trágico acidente, pois já em meados de 1857 aqui em Joinville se havia conseguido, por meio de subscrição, os fundos necessários para a aquisição de um prelo e demais apetrechos, mas o material, comprado na Alemanha, não chegou ao seu destino: o navio que o transportava, naufragou, em 19 de setembro de 1858, a entrada da barra de S. Francisco, levando para o fundo do mar todos os pertences dos cem imigrantes que vinham no barco, e ainda o prelo que deveria imprimir o "Kolonie-Zeitung" — três anos antes do jornal porto-alegrense...

Foi idealizador e fundador do nosso jornal da Colônia e seu diretor durante os 10 primeiros anos, o advogado Ottokar Doernel, que havia chegado em 1854 da Alemanha e exercia as funções de tesoureiro da Diretoria da Colônia Dona Francisca. Ottokar Doernel — assim como provavelmente Carl Constantin Knueppel, o editor do jornalzinho manuscrito — pertencia ao numeroso grupo de alemães, que se convencionou chamar de "Die Achtundvierziger" (Os de quarenta e oito), participantes ou simpatizantes que foram dos movimentos revolucionários que agitaram várias regiões da Alemanha em 1848 ou que, por qualquer razão, se viram envolvidos nos acontecimentos. Inconformados com o estado de coisas na velha pátria, decepcionados com o fracasso da revolta, muitos deles, senhores de vasta cultura, abandonaram a Europa, assim como emigraram, no mesmo período, numerosos oficiais do dissolvido exército prussiano. Muitos vieram para o Brasil, estabelecendo-se nas cidades, como o Rio de Janeiro, S. Paulo, Curitiba, Porto Alegre. Outros resolveram "tentar a sorte" nas pequenas colônias alemãs existentes, entre as quais as duas, então recém-fundadas: Blumenau e Joinville, principalmente. Vinham, atraídos pela propaganda

desmedida que na Europa se fazia e sem se darem conta de que, numa colônia recém-implantada na floresta tropical, poucas seriam as possibilidades de êxito para intelectuais, universitários e oficiais de exército e sem atinarem — ainda — que, para eles, a adaptação à dura realidade aqui encontrada, se processaria de maneira infinitamente mais penosa do que para qualquer trabalhador braçal, de costumes rústicos e mãos já desde a infância calejadas.

Assim se explica o número relativamente grande de imigrantes daquele período, os quais, após algumas tentativas em Dona Francisca, se transferiram para centros maiores, como S. Paulo e Curitiba, onde se integraram. Por outro lado, é sem dúvida a presença desses imigrantes, dos que aqui se arraigaram, que devemos — em parte — o impulso extraordinário verificado no terreno cultural, artístico e social da modesta colônia, assim como a um "Achtundvierziger" devemos o lançamento de nosso jornal na pequena comunidade, então com seus 3.600 habitantes.

Conforme se lê no cabeçalho do "Kolonie-Zeitung", o jornal seria, ao mesmo tempo, um "Anzeiger fuer Dona Francisca und Blumenau" (Orgão de anúncios para Dona Francisca e Blumenau). Assim, ele se propunha, desde o início, a ser muito mais do que um simples periódico local. Propunha-se a ser o jornal noticioso, não só de duas cidades irmãs, mas ainda o defensor de interesses comuns, o orientador de milhares de imigrantes de língua alemã, espalhados pela província de Santa Catarina.

Mas, teria Ottokar Doerffel pressentido, naquele dia 20 de dezembro de 1862, que o seu jornal, embora redigido em alemão, projetaria desde logo a imagem de Joinville, a cidadezinha brasileira de nome francês, para além, muito além de Santa Catarina e do Brasil.

O "Kolonie-Zeitung" foi, sem sombra de dúvida, um excelente veículo de propaganda de tudo que era nosso, numa época ainda sem telégrafo, sem telefone, sem avião e sem carro para voar pelo asfalto das estradas, a 150 quilômetros por hora...

Após a retirada de Ottokar Doerffel, o jornal passou às mãos de Carl Wilhelm Boehm, o tipógrafo que, desde o primeiro número havia sido fiel ajudante do fundador e, durante o resto de sua existência, o "Kolonie-Zeitung" foi propriedade da família Boehm.

Muitos são os nomes dos colaboradores do jornal, alguns famosos, outros há muito esquecidos - colaboradores anônimos, quem sabe, colaboradores que, ao longo das horas, no labutar do dia-a-dia, foram escrevendo, foram imprimindo — sem disso se aperceberem — 80 anos de nossa história...

Oitenta anos — ali estão, na linguagem seca dos anúncios comerciais, falando de preços baixos e mercadoria de primeira, estão na ternura das comunicações de nascimento de "nosso primogênito" ou do noivado, de "nossa filha caçula", estão na simplicidade comovente dos

versos inseridos nos anúncios de falecimento, estão nos editais da Superintendência e nos "A Pedido" e nas poesias satíricas de nossos tão ferreiros poetas repentistas e nos acalorados debates políticos e nas reportagens das ocorrências dignas de serem relatadas — ali estão 80 anos, perpetuados para filhos e netos e tataranetos, e para todos os que hão de vir atrás de nós, para todos os que tiverem amor a esta Terra e quiserem, por isso, aprender as lições do seu passado.

O "Kolonie-Zeitung" é joinvillense, porque em Joinville foi idealizado, fundado, redigido, impresso, editado. Em Joinville cresceu, por Joinville batalhou — e aqui se transformou em monumento. Monumento à cultura, à criatividade e à ilimitada capacidade de trabalho de nossos pioneiros.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" acha-se incorporada ao acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

---

## **A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA:**

### PROBLEMAS CURIOSOS ENFRENTADOS PELO FUNDADOR DA COLÔNIA

Entre os numerosos documentos recém-chegados da Alemanha, todos ligados à História de Blumenau, encontramos dois deles que, dadas as características de que se revestem, é interessante ir publicando na edição deste mês, para aquilatar-se da variedade incrível de problemas enfrentados pelo fundador da colônia Dr. Hermann Blumenau. Trata-se de uma divergência surgida entre dois agricultores. Vamos reproduzir as duas cartas, sendo a primeira escrita pelo agricultor Carl Knoppe e a segunda a resposta a ele dada pelo Dr. Blumenau.

Carta do Colono Carl Knoppe, morador de "Mulda" e dirigida ao Dr. Blumenau. — (Tradução de Alfredo Wilhelm):

"Blumenau, 9 de Janeiro de 1874. — Prezado Senhor Doutor: — O meu vizinho Carl Jacobsen fez ha pouco a denúncia de que o meu touro teria atacado transeuntes que comumente passam pela estrada que atravessa os meus terrenos. Em consequência disto, ele vem exigindo que eu me desfaça do animal. Acontece porém que, dias antes dessa denúncia, o próprio sr. Jacobsen abriu a porteira de minha propriedade, fazendo com que o meu touro saísse para fora da cerca para, em seguida, amarrá-lo com um cipó e prendê-lo perto de sua casa. Se o animal

fosse mesmo feroz como o sr. Jacobsen diz, não se teria deixado amarrar com tanta facilidade.

Quando eu procurei trazer de volta o meu touro, o sr. Jacobsen exigiu de mim um resgate de dois milréis, além de me ameaçar perante testemunhas de que ele ia me meter chumbo entre as minhas costelas. Muitas são as pessoas que costumam passar por minha propriedade. Perguntadas por mim se já tinham sido ameaçados por meu touro, todos eles negaram. Nenhuma outra pessoa, a não ser o tal Jacobsen, tem a reclamar algo até esta data.

No domingo passado, dia 4 deste mês, o sr. Jacobsen chegou até a dar tiros no meu touro. Além do mais, voltou a ser aberto o novo portão instalado por mim na cerca da minha estrada e provavelmente isto foi obra do tal Jacobsen, já que teria sido ele a única pessoa a passar por lá nos últimos dias. Se eu não tivesse percebido isto a tempo, todo o meu gado teria invadido a roça do sr. Jacobsen, causando prejuízos imprevisíveis. Tomando em consideração estes fatos, desejo perguntar ao sr. Doutor o que é que eu devo fazer quando encontro um estranho abrindo as porteiras de minha cerca? Facilmente o meu gado poderia invadir as plantações do meu vizinho causando estragos, o que eu depois teria de pagar.

Fora isto, o sr. Jacobsen bem seria capaz de atirar em meu gado, matando-o. De quem eu receberia uma indenização? Do sr. Jacobsen não, pois ele simplesmente alegaria nada possuir. Por diversas vezes o sr. Jacobsen foi encontrado caminhando na rua com uma espingarda carregada e engatilhada, vibrando na mão um facão e seu estado de embriaguês era tão grande, estava tão bêbado que mal podia permanecer de pé. Ademais, ele invadiu residência de outro vizinho, causando desordens e falando mal de mim — ao mesmo tempo dando golpes de facão no ar e repetindo continuamente que iria meter chumbo nas minhas costelas. Quão fácil é, pois, de acontecer, desta maneira, um desastre! Afinal, o que é que este indivíduo quer de mim? — eu não sei! Nunca fiz mal algum a ele. Se este Jacobsen continuar se embriagando (e isto está acontecendo todo dia, desde a manhã até à noite), tudo pode acontecer e eu não posso deixar de temer por minha vida! Solicito, pois, ao senhor que tome providências e me devolva a paz, protegendo-me contra este Jacobsen. Em caso contrário, serei obrigado a defender-me também com violência, protegendo-me a mim mesmo, mas responsabilizarei, então, ao senhor por todas as consequências das eventualidades que venham a acontecer. — Atenciosamente — Carl Knoppe, morador da "Mulda"...

Em resposta a essa carta, o Dr. Blumenau escreveu o seguinte,



em alemão, traduzido agora para o português pelo sr. Alfredo Wilhelm:

"Diretoria, 16 de Janeiro de 1874. — Em resposta à sua carta de 9 de janeiro de 1874 que somente hoje chegou às minhas mãos, cumpre-me o dever de transmitir-lhe uma diretriz que deverá servir também de exemplo para outros que venham a enfrentar o mesmo problema: As insinuações e ameaças que o senhor faz contra mim no final de sua carta (procurando responsabilizar-me pelas consequências de seu revide ao sr. Jacobsen), quero repelir uma vez por todas e categoricamente. O diretor é um oficial de administração e não um delegado policial nem um fiscal. Por outro lado, se eu sempre gostei de ajudar os colonos em suas dificuldades e na solução de outros problemas, o fiz da melhor boa vontade com conselhos e ações. Por isso, não posso admitir de forma alguma, as insinuações deslepidas apresentadas de maneira um tanto incoerente. Se o sr. Jacobsen acha que tem problemas com o touro que vive atacando pessoas e outros animais e se julga no direito de dar queixa, em primeiro lugar ele tem que se dirigir ao inspetor de quartelão, levando consigo testemunhas e provas para as suas acusações. Da mesma forma como também o senhor poderia apresentar a queixa em seu favor. Caso não seja possível solucionar o problema de maneira amigável, o sr. Jacobsen terá que se dirigir ao fiscal para que este leve o caso adiante, mas ele terá que se abster de qualquer iniciativa própria de fazer justiça por si mesmo. De qualquer maneira, acontecendo um desastre causado pelo seu touro e o sr. não poder provar por meio de testemunhas que o animal, antes de atacar, foi propositalmente provocado, o senhor é responsável por todas as consequências e terá que cobrir todos os prejuízos causados. Como esta prova é geralmente difícil de ser apresentada, talvez fosse mais viável o sr. prender o animal em local bastante distante da fazenda estrada. Se por outro lado o sr. Jacobsen assumir atitudes ilegais e irresponsáveis como por exemplo abrindo o portão da sua cerca ou entrando em casas alheias, o sr. deveria procurar munir-se de testemunhas e, em primeiro lugar, procurar o inspetor de quartelão para que este restabeleça a ordem perturbada. Se tudo isto não der resultado, então o sr. poderá se dirigir ao Juiz de Paz, sr. Stutzer, através de uma petição em que o sr. denuncia os fatos acontecidos, a ameaça, nomeia as testemunhas, para que, desta maneira, o desordeiro seja condenado a indenizar os prejuízos e assinar um termo de boa vivência. Quebrando ele porém esta promessa, terá, na primeira vez, que submeter-se a uma pena de 30 (trinta) dias de cadeia e mais trinta milréis de multa. No caso dele negar-se a pagar ou não poder pagar a multa, ela será transformada em mais trinta dias de cadeia. Causando ele a mesma desordem em casa de outros vizinhos, estes também terão os mesmos direitos de apresentar queixa à polícia ou ao Juiz de Paz".

Anteciosamente — Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau".

# Primeiro roubo ocorrido em Blumenau

1869 — 19 ANOS APÓS A FUNDAÇÃO DA COLÔNIA

Desde que assumiu a chefia do Poder Executivo Municipal, em fevereiro de 1977, o Dr. Renato de Mello Vianna tem procurado apoiar sob todas as formas possíveis, as iniciativas da Fundação "Casa Dr. Blumenau". Muito especialmente, tem acompanhado com muito interesse a continuidade das edições de "Blumenau em Cadernos", para que os fatos do passado e do presente sejam nele registrados e sirvam de pesquisa para as gerações posteriores.

Assim é que, visando colaborar no sentido de que continuamente seja publicada a seleção dos mais interessantes documentos históricos, o prefeito municipal recebeu com muito entusiasmo a iniciativa de seu chefe de gabinete jornalista Altair Carlos Pimpão, que foi o de procurar trazer de arquivos históricos alemães numerosos documentos — alguns inéditos. Isto foi feito através do Dr. Koenig, diretor do Arquivo Histórico da Baixa Saxônia. Eles encerram uma série de fatos que até aqui foram descritos um tanto superficialmente mas que, agora, poderão ser complementados substancialmente. A iniciativa do sr. Altair Carlos Pimpão, tornada realidade pelas providências determinadas pelo prefeito Dr. Renato Vianna, já foi bastante divulgada pela imprensa local.

Portanto, dando início a estas publicações históricas, trazemos na edição deste mês "o caso do primeiro roubo" na Colônia Blumenau, acontecido em abril de 1869, portanto ha 109 anos.

O fato está contido no teor de uma carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina, Dr. Carlos Augusto Ferraz e escrita pelo Diretor interino da Colônia, H. Wendeburg, por motivo da ausência do Dr. Hermann Blumenau nesta época. Acompanha esta carta o Auto do Corpo de Delito por parte da Subdelegacia da Colônia de Blumenau. Eis a carta em sua íntegra:

"Colônia Blumenau 12 de Maio de 1869  
Illm<sup>o</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Snr.

Peza-me muito ver-me necessitado trazer ao conhecimento de Va. Excia. hum acontecimento bem deploravel.

Vendo-me obrigado a entregar certa quantia ao meu secretario para durante as muitas ausencias minhas — causadas por viagens dentro e fora da Colonia — poder ocorrer as despezas mais necessarias, tinha o mesmo guardado em huma gaveta fechada de sua mesa para escrever a quantia de Rs. 1:858\$230, em moeda de papel e pequena parte de prata, a qual lhe foi roubada na noite do 16 a 17 de Abril p. p.

mediante arrombamento dos quartos pertencentes á secretaria e da gaveta fechada.

Como consta do Auto do corpo de delicto da Subdelegacia d'esta Colonia e que tenho a honra de remetter junto, abriu o ladrão mediante arrombamento a adufa de huma janella, que da para a rua, quebrou huma vidraça, entrou pela janella no primeiro quarto, passou o segundo, arrombou a fechadura bem forte da porta, do terceiro, em que se achava a mesa do secretário e tambem com canivete e formão a gaveta fechada da mesma, tirou o dinheiro e afastou-se pela janella.

Esperando que logo havia de descobrir o perpetrador d'este roubo tardei em participa-lo a V<sup>o</sup>. Excia., infelizmente porém não se achou vestigio nenhum d'elle até agora, a pezar de ter promettido hum premio de Rs. 200\$000 ao que descobrir o ladrão e communicado numeros e outros sinaes de huma parte do dinheiro roubado, que consistia em bilhetes novos de Rs. 200\$000 e Rs. 20\$000, aos negociantes d'esta Colonia como tambem no rio Itajahy, na Villa, na Colonia Itajahy e até na capital da Provincia.

Do dia 14 a 17 de Abril achei-me em funções de Diretor d'esta Colonia nas regiões do Alto Itajahy; consta porém pelas averiguações policiaes feitas no dia 17 de Abril de manhã já depois de aberta a secretaria e descoberto o roubo, que se tinhão tomadas as providencias possiveis e permittidas pela localidade para segurar o dinheiro, de maneira que ao secretario respectivo não pode ser imputada negligencia alguma, de modo que este, como tambem eu, estamos plenamente fora da culpa d'este acontecimento deploravel e muito desagradavel.

A quantia roubada era dinheiro pago por terras vendidas — pois a maior parte dos socorros recebidos do Governo fora gastada quasi já nos primeiros dias de Abril — e sem ser o resto d'elles guardado por mim n'huma burra particular do Dr. Blumenau o prejuizo de certo fora muito maior.

Ha quinze annos, que administrei a caixa do Dr. Blumenau e oito annos os soccoros concedidos pelo Governo Imperial para esta Colonia e posso dizer, que tal roubo é o primeiro n'este lapso de tempo. No futuro porém e com a crescente população d'esta Colonia não pode faltar, que se augmenta tambem o numero dos maos sujeitos e com elles o numero de tais crimes que não se pode precaver, mostrando-se insufficientes adufas e fortes fechaduras, e tornando-se por isso necessario para a segurança do dinheiro da Colonia hum cofre de ferro, que já pediu o Snr. Dr. Blumenau ha alguns annos, rogo a Va. Excia. digne-se mandar que quanto antes me seja remettido hum tal ou, que eu seja autorizado a comprar hum, para poder prevenir damnos talvez maiores.

Rogo finalmente a Va. Excia. se digne nomear ou huma commissão ou pessoa da Sua alta confiança, que no lugar respectivo tome

conhecimento de todas as circumstancias e me descarregue a mim de toda a culpa, tanto mais que não me era possível accautelar-me melhor contra tal roubo inaudito nos annaes da Colonia Blumenau.

Deos Guarde a Va. Excia. Illm<sup>o</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Snr. Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu Dgmo. Presidente da Provincia.

O Diretor int<sup>o</sup>.

H. Wendeburg“.

Publica forma do Auto do Corpo de delicto da parte de Subdelegacia da Colonia Blumenau, pelo arrombamento na repartição da Directoria do mesmo nome, como abaixo se declara:

“Auto do corpo de delicto. — Aos dezasete dias do mez de Abril do anno de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e nove, as dez horas do dia, n’esta povoação da Colonia Blumenau, Comarca de Sanctissimo Sacramento de Itajahy, Provincia de Sta. Catharina, em a Repartição da Directoria d’esta Colonia, presentes o Subdelegado de Policia Carlos Guilherme Friedenreich comigo Escrivão do seu cargo abaixo assignado, os peritos notificados: Carlos Friedenreich marceneiro e Augusto Richter ferreiro, ambos moradores n’esta Povoação da Colonia Blumenau, e como officiaes nos seus respectivos officios profissionaes no caso em questão, e as testemunhas Victor Gaertner e Carlos Meyer, ambos moradores n’esta Povoação, o Juiz deferio aos peritos o Juramento aos Santos Evangelhos, de bom e fielmente desempenharem a sua missão, declarando com verdade o que descobrirem e encontrarem, e o que em sua consciencia entenderem e encarregou lhes, que procedessem o exame das janelas, portas, gavetas e outros objectos na Repartição da Directoria d’esta Colonia, em que se acharem vestigios de violencias havidas e que respondessem aos quesitos seguintes:

1<sup>o</sup>. — se ha vestigios de violencias as cousas ou objectos,

2<sup>o</sup>. — quaes elles sejã,

3<sup>o</sup>. — se por essa violencia foi vencido ou podia vencer-se obstaculo que existisse,

4<sup>o</sup>. — se havia obstaculo,

5<sup>o</sup>. — Se se empregou força, instrumentos ou aparelhos para vence-los,

6<sup>o</sup>. — qual foi essa força, instrumento ou aparelho, e finalmente: qual o valor do damno causado. Em consequencia passarão os peritos a fazer os exames e investigações ordenadas e as que julgarão necessarias, concluidas as quaes, declararão o seguinte:

vê-se no primeiro quarto, contiguo a rua uma gelosia perante a janella de vinte e quatro tabiculas e quebrado o apoio da sexta tabicula, contando-se de baixo para cima. Vê-se mais na plataforma da jane-

la respectiva uma porção de barro, como se vê quando algum são seus sapatos galga por objecto de madeira; o barro adherente á plataforma da janella contem muitas crinas. Na janella acha-se faltando o vidro e em lugar do vidro foi pregado um pedaço de papelão.

Nota-se mais no segundo quarto como o primeiro duas impressões ou cavidades no sobreportal, no lugar onde esta collocada a fêmea da fechadura, de pouco menos de huma pollegada de largura, esta mesma arruinada por se mostrarem a fêmea d'ella inclinado em sentido opposto, como tambem a lingueta da fechadura inclinada fortemente em direcção ao portal. No terceiro quarto contiguo ao segundo acha-se arruinada a gaveta d'uma mesa por emprego de differentes instrumentos de metal duro e em consequencia do emprego de taes instrumentos despedaçadas a parte superior da taboa externa da gaveta.

Nota-se que a impressão que deixou hum d'aquelles instrumentos empregados na respectiva parte da gaveta corresponde com sua largura com aquella que se mostra visivel no sobreportal da porta que separa o segundo do terceiro quarto. Na referida taboa externa da gaveta nota-se ainda huma lascadura e n'ella achou-se uma ponta de faca. E que portanto respondem ao 1.º quesito, se ha vestigios de violencias ás cousas ou objectos, que sim, ao 2.º. quaes elles sejam, que quanto a gelosia no primeiro quarto contiguo a rua o quebramento do apoio da sesta tabicula contando-se de baixo para cima, quanto a porta, que separa o segundo, quero dizer: terceiro quarto a inclinação da fêmea e da lingueta da fechadura, como tambem as impressões ou cavidades no sobreportal, o que tudo deve ser effectuado por emprego de instrumentos de metal duro com emprego de força consideravel, quanto a gaveta d'uma mesa no terceiro quarto, as partes despedaçadas da taboa exterior da respectiva gaveta, igualmente como a lascadura em que se achou ainda uma parte do instrumento empregado e finalmente a impressão que deixou outro instrumento na parte superior d'aquella taboa com a largura de pouco menos d'uma pollegada; ao 3.º., se por essa violencia foi vencido, ou podia vencer-se o obstaculo que existisse, que sim, ao 4.º. se havia obstaculo, que sim; ao 5.º., se se empregou força, instrumentos e aparelhos para vence-lo, que sim; ao 6.º. qual foi essa força, instrumentos ou aparelhos; que foi um formão e uma facca de ponta ou de canivete grande, e finalmente quanto ao valor do damno causado, elles o arbitrão em oito Milreis fora dos objectos roubados; e são estas as declarações, que em sua consciencia e de baixo do Juramento prestado tem a fazer.

O Juiz mandou que se guardasse a ponta quebrada do canivete no Juizo. E por nada mais haver, deo-se por concluido o exame ordenado, e de tudo se lavrou o presente auto, que vai por mim escripto e rubricado pelo Juiz e assignado pelo mesmo, peritos e testemunhas

commigo Escrivão Theodoro Kleine, que o fiz e escrevi, do tudo dou fé.

Carlos Guilherme Friedenreich. Augusto Richter. Carlos Friedenreich. Victor Gaertner. Carlos Meyer. Theodoro Kleine. . . . .

Nº. 1 . . . . . 200 rs: Pg. duzentos reis de Sellos.

Blumenau em 18 de Abril de 1869. Friedenreich. Kleine.

Nada mais se continha em o dito auto do corpo de delicto e tudo vai aqui bem e fielmente trasladado em Publica forma sem acrescentar nem diminuir cousa alguma que duvida faça e ao proprio original, ao que me reporto em meu poder e cartorio e por mim foi contido n'esta Pvoação da Colonia aos dez dias do mez de Maio do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e nove.

Eu Theodoro Kleine, Escrivão do Juiz de Paz do Districto da Colonia Blumenau o escrevi e firmei com o Signal Publico do que uso. . . . . Em fé de verdade

O Escrivão Theodoro Kleine:

Certifico que este Traslado em Publica forma vai pagar o Sello com quatrocentos reis.

Kleine.

Nº. 1. . . . . 400 reis.

Pg. quatrocentos reis de Sellos.

Blumenau 10 de Maio de 1869

Friedenreich Kleine

---

# Apologia do crochê

Elly Herkenhoff

Em qualquer dicionário da lingua portuguesa se encontra a explicação, aparentemente satisfatória, do vocábulo crochê ou croché — aportuguesado do francês "crochet" — que designa um trabalho de renda ou malha, feito a mão, com auxílio de uma agulha provida de ganchinho em uma das extremidades. E dicionários há, mais atualizados, que até registram o termo como regionalismo corrente em Goiás, onde define a permuta de vários objetos na mesma ocasião.

No entanto, ainda está por ser lançada a edição que irá explicar ao eventual consultante o que se entende por um crochê joinvillense, o crochê-instituição, o crochê-folclore, o crochê muito nosso que, longe de ser uma simples reunião "en petit comité", representa, antes de mais nada, uma de nossas maneiras mais tradicionais de cultivar ami-

zades, fiéis ao velho costume do "Kraenzchen", a nós legado pelas sucessivas levas de imigrantes, desde os primórdios da Colônia Dona Francisca.

A palavra alemã "Kraenzchen" é o diminutivo de "Kranz" significa pequena coroa (de flores, folhagem ou outro material), servindo, por essa razão, para definir um pequeno círculo de pessoas que reúne, quase sempre, moças ou senhoras da mesma faixa de idade e do mesmo nível social e cultural, muitas vezes amigas desde a infância, às vezes já bem idosas, às vezes jovens donas-de-casa ou até mesmo adolescentes, companheiras de colégio. As reuniões das "associadas" se realizam geralmente uma vez por semana, em dia certo, alternadamente em casa de uma das amigas e esta, como anfitriã, oferece um lanche, isto é, um bom café com "Kuchen", bolo e outros quitutes, preparados com esmero e perícia e, evidentemente, segundo as possibilidades econômicas da anfitriã. O costume, antiqüíssimo nos países de língua alemã, foi introduzido no Brasil pelos imigrantes alemães e até hoje os 'Kraenzchen' existem, sob este nome, em grandes e pequenas cidades do Brasil.

Costuma-se dizer que, onde três alemães se estabelecem, logo surgem quatro sociedades diferentes, caracterizando, com tal expressão, a tendência do alemão para organizar sociedades, tendência esta comprovada aqui em Joinville, pelo grande número de associações desde o início existentes, entre as quais se incluem sociedades recreativas, esportivas, assistenciais, filantrópicas, científicas e principalmente culturais, como as de leitura, canto coral, música, teatro amador e outras. Esse pendor, que explica perfeitamente a instituição do "Kraenzchen" feminino, sempre mereceu especial atenção de publicistas — sobretudo estrangeiros — que escreveram a respeito da antiga Colônia Dona Francisca.

Um dos mais acatados autores, Robert Gemhard, redator do jornal "Reform" (Reforma) em Joinville, publicando em 1901 a sua importante obra "Dona Francisca, Hansa und Blumenau" (Dona Francisca, Hansa e Blumenau), dedica páginas inteiras à mulher joinvillense, às suas qualidades, ao seu "savoir vivre" e apresenta, como prova de suas afirmações, o retrato de um "Kraenzchen" de sete senhoras, todas elegantemente vestidas à moda da época, posando para o fotógrafo no terraço de uma casa, provavelmente casa da anfitriã, naquele memorável encontro.

Sempre deve ter havido vários "Kraenzchen" simultaneamente, em Joinville, desde os primeiros anos de vida da cidadezinha às margens do Cachoeira, embora as mães de família, naqueles difíceis tempos primitivos, não pudessem ser nem muito assíduas e nem pontuais nas reuniões. Mas é certo que, uma vez assumido o compromisso de "associada", a dona-de-casa anfitriã, fiel às conservações, se esmerava, já na véspera, em preparativos para a recepção, começando por minucioso exame de aspecto geral do ambiente, desde o assoalho cuidadosa-

mente areado, até as cortinas de filó trabalhado e os painéis das paredes, bordados em ponto-de-cruz com motivos florais e letras góticas, formando significativos dizeres em alemão.

Talvez não houvesse farinha de trigo para preparar a massa do "Kuchen", segundo a receita transmitida de mãe para filha. Mas havia fubá de milho e cará e açúcar mascavo e delicioso leite da ordenha do dia e bananas ou carambolas para a cobertura e havia ovos — sim, amigos, havia ovos de galinhas-de-quintal, havia ovos com gema amarelinha, cor de gema de verdade.

Depois, era a vez de estender a toalha de damasco, impecavelmente alva — peça do enxoval, quem sabe com, monograma em ponto-cheio num dos cantos, bordado durante o noivado. E era a vez das xícaras douradas de finíssima porcelana, trazidas a são e salvo — presente nupcial talvez, de gente amiga, gente que ficou na lembrança, como todos os amigos e todas as coisas amigas no "lado de lá"...

Mas, á medida que a cidadezinha ia crescendo, também ia crescendo o número de círculos e começou a diversificação do nome, quando um grupo de donas-de-casa decidiu autodenominar-se "Haekelklub". (Clube de Crochê), talvez porque as participantes se dedicassem exclusivamente ao crochê, durante os encontros, realizados sempre à noite e nos quais até mesmo os maridos às vezes tomavam parte — não fazendo crochê, evidentemente, mas divertindo-se com jogos diversos, em outro compartimento da casa. E à medida que as gerações de filhas e netas iam se sucedendo, à medida que o afluxo de famílias de outras cidades do País foi aumentando, os diferentes nomes — inclusive do "Handarbeitsklub" (Clube de Trabalhos Manuais), também existentes — foram sendo simplificados e traduzidos, muitas vezes, passando a ser crochê ou clube ou então simplesmente lanche, perdendo, neste último caso, uma de suas características, a prática dos trabalhos manuais.

Enganam-se os que julgam pelas aparências, acreditando que o assunto nesses encontros — ontem como hoje — não passava e não passa de crianças e criadas, futilidades e fofocas. Se desde o início aqui em Joinville existia, no ambiente aconchegado das casas de enxaimel, um clima de perfeita compreensão e harmonia entre as participantes, se havia o desejo de expansão e intercâmbio de conhecimentos e experiências entre as amigas, esse clima nos foi sendo transmitido de geração em geração, assim como nos foi transmitido a costumes dos trabalhos manuais executados durante as reuniões. Sempre houve e continua havendo - aqui e em qualquer outro lugar - círculo em que os assuntos são de surpreendente complexidade. Círculos há em que tudo é debatido e dissecado, desde o segredinho da torta de nozes estreada pela anfitriã, até a situação explosiva no Oriente Médio e a vitória de Rachel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras. Círculos houve e continua havendo, em que as participantes não apenas executam os mais delicados e complicados trabalhos de bordado ou crochê,



após o lanche, mas onde trechos especiais de publicações são lidos em voz alta e depois debatidos, onde uma das participantes recita uma poesia ou toca um instrumento musical ou então todo o grupinho canta velhas canções a duas ou três vozes — velhas, porque nos círculos em que estas coisas acontecem, sempre perdura um quê de romântico e de sadio tradicionalismo.

Enganam-se os que vêem em nosso crochê um costume superado, inadmissível e impraticável nos dias atuais quando a mulher, em crescente escala, vai deixando de ser só-dona-de-casa" de outros tempos, para acumular as múltiplas funções de mãe de família e profissional. Enganam-se, porque, na realidade, nunca foi tão importante como hoje, na era da dissolução e da violência, das neuroses e da angústia coletiva, o apego aos valores insubstituíveis que a poluição tentacular ainda nos deixou. Nunca foi tão importante, continuarmos a ser "nós mesmos" individuais e um tanto tradicionalistas, dentro do contexto geral da comunidade à qual pertencemos. Hoje, mais do que ontem, porque estamos vivendo as décadas da massificação sem limites, a era da onipresente, onideterminante mestra — a toda poderosa televisão.

---

## *A opinião dos que nos visitam*

— Visitando este Museu sentimos o idealismo e a liderança do Dr. Hermann Blumenau. Esplêndido! — Fernando Osorio Olmes — R. C. Paraná — R. G. S.

— A cidade é um paraíso. O povo blumenauense, culto e acolhedor. — Eduardo Vieira — Rio de Janeiro.

— Nada que pudesse escrever, expressaria o que senti. — Weitraupt São Paulo.

— Os objetos e móveis expostos retratam muito bem a História da Colonização da cidade. Excelente! — S. V. — Crisciuna — SC.

— O museu e a cidade, tudo é maravilhoso. Só espero que não haja ninguém que tente transformar a cidade numa "selva de pedra". — Heloisa — Rio.

---

## MUSEU BOTANICO KUHLMANN

Sob o título acima, publicamos, no nr. 3 de "Blumenau em Cadernos", o registro da homenagem ao cientista botânico João Geraldo Kuhlmann. O autor desse trabalho, é o insigne mestre em Ciências Dr. Raulino Reitz, que ha tantos anos vem colaborando com esta revista. Pelo lapso ocorrido, oferecemos nossas escusas ao ilustre professor que, na proxima edição, voltará às páginas de "Blumenau em Cadernos" com valiosa colaboração à homenagem que, no número anterior, prestamos à figura sempre lembrada de Victor Hering.

# Ô Município de Blumenau do passado



Em solenidade ocorrida recentemente no gabinete do Prefeito Dr. Renato de Mello Vianna, o sr. Heinz Schrader industrial diretor, presidente da Cremer S/A. Produtos Texteis Cirúrgicos, em visita ao chefe do Executivo, fez entrega de um mapa de Blumenau,, cujo trabalho por demais notável foi realizado pelo saudoso historiador José Deeke, no ano de 1905. Pelo que se pode observar no citado mapa, naquela época o município de Blumenau confrontava-se com Curitibanos na região serrana oeste-sul, com São Bento do Sul no norte, com Joinville, Itajaí e Brusque. O grande município de Blumenau, do qual foram desmembrados portanto todos os existentes hoje dentro daquela configuração elaborada pelo grande historiador, poderá, assim, ser conhecido através dos tempos pelas gerações que se sucederem, graças ao carinho com que a tradicional familia Schrader o conservou até aqui, em nome da qual o sr. Heinz fez a entrega. É reprodução fotográfica dessa valiosa obra de José Deeke, que estampamos acima.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972  
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74  
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425  
89100 B L U M E N A U Santa Catarina  
Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten* - presidente  
*Jornalista Honorato Tomelim* vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão* - *Prof. Antônio Boing Neto* -  
*Comerciante Arno Letzow* - *Advogado Beno Frederico Weiers* -  
*Repres. Comercial Heinz Hartmann* - *Prof. Nelo Osti* - *Prof.*  
*Olívio Pedron* - *Repres. Comercial Otto Iaczynski* e *Indus-*  
*trial Rolf Ehlke*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

# IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A LIVRARIA DE SEU FILHO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1422/24 - FONE 22-2627 - C.P. 651

INDÚSTRIA - RUA AMAZONAS, 1505/31 - FONE 22-3627 - GARCIA

**BLUMENAU - STA. CATARINA**